

SÉRIE DAMAS PERFEITAS

A CORTESÃ



NAHRA MESTRE

A Cortesã é o segundo livro da série Damas Perfeitas. Apesar de independentes, as histórias se interligam ao longo da série e, assim, aconselha-se a leitura do primeiro livro, *A Marquesa*.

Disponível no Amazon e em formato impresso, na editoraportal.com.br

Livro 1: A Marquesa <https://amzn.to/2Rz1Ql2>

PRÓLOGO

Paris, janeiro de 1851

A imagem refletida no espelho não revelava quem ela de fato era, muito menos sua alma conturbada. Marie nunca imaginara vestir-se de maneira tão voluptuosa. Embora estivesse acostumada a ver mulheres com decotes generosos e bochechas coradas pelo excesso de rouge, nunca se espelhara nelas. Marie Bourdon nascera e crescera dentro de uma casa de tolerância que pertencera a sua avó. Um dia seria a herdeira de Palais des Plaisirs, o bordel mais famoso de Paris.

Não se lembrava da avó, sequer sabia se um dia chegara a conhecê-la, mas sempre ouvia sobre ela com demasiado entusiasmo. A famosa madame Bourdon construíra a elegante *maison close* com a herança deixada pelo marido. Um empreendimento inovador, que ocupava meia quadra em Montmartre, no coração da boemia parisiense. A imponente construção de quatro andares funcionava como cabaré, casa de jogos e bordel. O céu e o inferno dos endinheirados europeus.

Assim como ela, todas as cortesãs residiam no último andar; cada uma tinha seu quarto para viver e receber os clientes. Marie nunca se deitara por dinheiro, valorizava sua virtude e, mesmo sabendo que esse era o destino das mulheres da família Bourdon, nunca quisera isso para si.

Fora abandonada pela mãe ainda bebê. O pouco que sabia era que Cécile Bourdon se apaixonara por um nobre inglês e que partira, deixando para trás a prostituição e a filha. Marie crescera nos corredores do antro que sempre considerara o purgatório e, ao completar doze anos, fora obrigada a trabalhar. Sua tia, a nova madame Bourdon, cujo nome de batismo nem mesmo Marie conhecia, era uma mulher cruel, que contabilizava todos os gastos da sobrinha e os cobrava constantemente.

A fim de um dia conseguir quitar sua dívida, Marie trabalhava servindo as mesas do grande salão de jogos, além de confeccionar roupas para as dançarinas do cabaré e para as cortesãs. Trabalhava dia e noite, mas sua dívida com a tia era abatida a conta-gotas.

A virtude de Marie era cobiçada pelos frequentadores do Palais des Plaisirs, corriam apostas e leilões pelos salões. Mesmo aos vinte e três anos, idade considerada bastante avançada, a jovem acreditava que madame Bourdon permitia que ela postergasse sua estreia esperando alguma oferta exorbitante no leilão da virtude da sobrinha.

Tinha planos de fugir, mas não conseguia economizar nenhum franco, toda a gorjeta que recebia era tomada; mesmo que Marie escondesse, a alcoviteira sempre encontrava.

Naquela noite fora obrigada a se vestir como uma rameira, o uniforme novo que deveria usar. Contemplava o vestido escarlate com ironia, ela mesma o havia feito. Ajeitou as extravagantes plumas que ornavam seus cabelos, posicionou alguns cachos na lateral do colo para tentar disfarçar o decote e respirou fundo. Seria uma noite longa e odiosa.

Se soubesse que sua vida mudaria naquela noite, David não estaria tão alheio ou maravilhado com tudo que via. O filho mais novo do marquês de Bristol aceitara o convite de lorde Phillip Smith, o visconde de Derby, para uma breve temporada em Paris. Com o primo John a tira colo. Inebriados pela luxuriosa atmosfera francesa, os nobres aristocratas estavam a caminho de um dos maiores bordéis da França.

No coração de Montmartre, o movimento de carruagens e pessoas não fazia jus ao adiantado da hora. Lanternas vermelhas iluminavam o beco estreito que dava acesso à entrada do Palais des Plaisirs. Era uma casa imponente, bem-cuidada, um convite para o pecado. Logo na entrada, mulheres seminuas recepcionavam os cavalheiros com um cálice de um líquido transparente, cortesia da casa.

Eles foram encaminhados para o salão de jogos enevoadado por uma fumaça densa de tabaco. Havia dezenas de mesas espalhadas, e vários jogos eram oferecidos. Dados e carteados pareciam ser os preferidos entre os frequentadores. A bebida rascante ainda formigava na língua de David, deixando um gosto amargo.

Phillip os conduziu até uma mesa afastada, certamente para explicar as regras do estabelecimento. John e David nunca haviam visto nada parecido em seus parques vinte anos, aquela era a primeira vez que visitavam Paris. Muito diferente das diversões monótonas encontradas na Inglaterra, aquela noite prometia ser memorável.

— O que me dizem? — Phillip estava confortavelmente esparramado em uma cadeira de braços, com um sorriso malicioso.

— Nunca imaginei que pudesse existir um lugar como este — respondeu David enquanto John, alheio à conversa, observava cada detalhe a sua volta.

O visconde de Derby era um homem vistoso, um libertino renomado. herdara o título havia dois anos, e, pelos quatro cantos de Londres, corria o boato de que aos trinta anos finalmente resolvera encontrar uma esposa. Phillip parecia um frequentador assíduo do lugar, oferecia sorrisos e olhares maliciosos para as jovens libidinosas que circulavam pelo salão.

— Quero aquela — David anunciou com os olhos fixos na mulher de cabelos cor de cobre e os olhos mais verdes que ele já vira.

Uma gargalhada rouca e cruel tomou o ambiente, Phillip parecia se divertir à custa do amigo.

— Vá até aquela mesa e dê seu lance. — Phillip mostrou o caminho acenando com a cabeça, sustentava um sorriso perigoso nos lábios. — Há tempos tenho dado lances, e nenhum deles parece ser suficiente para Marie.

— Marie... — repetiu David, como se quisesse guardar aquele nome para sempre, sem desgrudar os olhos da ruiva.

Seria uma tolice competir por aquela jovem, era notório que ele não era o único que a desejava. Correndo os olhos pelo salão, David viu os espectadores, que pareciam despi-la com os olhos.

— Talvez esteja na hora de acabar com a concorrência — murmurou Phillip coçando o queixo. — Acho que não vieram aqui para jogar, desçam por aquela porta e verão o melhor espetáculo de canção de toda a Europa.

David e John se levantaram e seguiram pelo caminho indicado pelo visconde. Phillip ergueu a mão e chamou seu objeto de desejo.

Ao reconhecer o visconde de Derby, Marie sorriu educadamente; ele a chamava, como sempre fazia quando vinha ao Palais des Plaisirs. Caminhou até ele desviando-se dos clientes mais inconvenientes. Não podia negar que aquele homem era um belo exemplar inglês. O *habitué* mais cobiçado entre as meretrizes. Era conhecido pelo seu desempenho na cama e por suas gorjetas generosas. Ela endireitou o corpo tentando recuperar o mínimo de dignidade, que seu vestido roubara.

— Minha querida Marie — ele se levantou rapidamente quando ela se aproximou e beijou-lhe a mão —, confesso que nunca a vi tão... — avaliou seu decote demoradamente e deixou a língua passear pelos lábios preguiçosamente — exposta.

— Monsieur Smith. — Ela fez uma reverência obsequiosa. — São os novos uniformes.

— Por favor, sente-se.

— *Pardon, monsieur*, eu não poderia. Caso deseje, posso chamar Victória para lhe fazer companhia.

— Gostaria da sua companhia.

— *Monsieur...*

— Somente uma conversa. — Ele se levantou e puxou a cadeira para que ela se sentasse. — Prometo não tomar muito de seu tempo.

Marie estremeceu, sabia que, mesmo escondida, madame Bourdon estaria observando aquela cena. A dona do Palais des Plaisirs não frequentava os salões, a menos que usasse máscara para esconder a terrível cicatriz em seu rosto, mas todos sabiam que ela vivia se esgueirando para observar tudo o que acontecia.

— Imagino que não esteja se sentindo confortável com o novo uniforme — Phillip a trouxe de volta para o presente. — Não posso negar que o vestido revela suas qualidades, mas não é nem de longe apropriado para uma dama.

— Não sou uma dama.

Marie o fitou curiosa, Phillip a contemplava de maneira diferente, não do modo como sempre fazia; dessa vez havia um brilho distinto em seus olhos. Ela sentiu as bochechas corarem.

— Ainda. Mas algo me diz que essa vida não é para uma *mademoiselle* tão preciosa.

Marie desviou o olhar, era estranho como se sentia exposta, aquele homem parecia enxergar sua alma.

— Por favor, não fique encabulada. — Havia um sorriso vitorioso em seus lábios. — Confesso que tenho que me redimir de meu comportamento tolo nas últimas vezes que estive aqui. Eu deveria ter percebido que você é diferente de todas as mulheres que já conheci.

— Diferente?

— Essa vida não é para você. Está escrito em seus olhos. — Ele tomou um gole de vinho que apareceu na mesa, sem nem mesmo perceber que a bebida havia sido servida. — Sortudo será o cavalheiro que a tirar daqui. — Tocou a mão dela suavemente. — Imagino que já tenha ouvido várias propostas.

— Ninguém nunca me ofereceu algo parecido antes — sua voz soou esperançosa demais.

— Eu ficaria encantado em ser o primeiro, entretanto, no meu país, não se propõem algo tão importante a uma dama, a menos que se tenha certeza da anuência.

Marie sentiu-se tentada. Estava disposta a se tornar amante de monsieur Smith. Era a única chance que tinha de fugir dali. Doaria a virtude de bom grado, era a única coisa que tinha, o trunfo para se libertar das garras de madame Bourdon.

— E como uma dama poderia dar indícios de um interesse? — perguntou esperançosa, certa de que a sorte havia lhe sorrido.

— Case-se comigo. Diga-me que me aceita como seu marido e lhe darei o mundo.

O ar lhe faltou, Marie não esperava por aquilo. Piscou algumas vezes tentando recobrar a consciência, sair do torpor que a invadia. *Casar?* Marie Smith, a viscondessa de Derby.

— O senhor está se divertindo a minha custa. — Levantou-se abruptamente.

Phillip se colocou de pé elegantemente.

— Desculpe-me, jamais poderia propor algo assim num lugar como este. — Ele beijou-lhe a mão demoradamente.

Ainda sem acreditar no que estava acontecendo, Marie deixou-se levar e, quando percebeu, abria a porta de seu quarto para o futuro marido.

No dia seguinte quando acordou, ela encontrou uma rosa vermelha na cama, acompanhada de uma nota de Phillip.

*Minha querida e doce Marie,
Jamais me esquecerei desta noite.
Estou voltando para Londres para preparar sua chegada.
Em breve voltarei para buscá-la.*

CAPÍTULO 1

Londres, fevereiro de 1852

David caminhava distraído, a caminho de casa. As ruas estavam pouco movimentadas pelo adiantado da hora, e, apesar do vento frio, o passeio se fazia agradável. Resolvera voltar caminhando do White's, um distinto clube de cavalheiros, frequentado pela nata da sociedade inglesa. Às vezes sentia a necessidade de se misturar entre os comuns, parecia estranho, mas era a maneira que encontrava de se sentir menos solitário.

Já passava da meia-noite e, apesar das poucas pessoas que circulavam pelas ruas, vez ou outra ele avistava alguma carruagem, que certamente voltava de algum baile da temporada. Eventos sociais dos quais fugia tanto quanto fosse possível.

Apesar de não ser um herdeiro, David tinha consciência de que era considerado um bom partido. O filho mais novo de um marquês era objeto de cobiça no mercado de matrimônios. Mas casamento não estava em seus planos, não tão cedo. Ele não tinha sonhos românticos de se apaixonar loucamente; o amor era um luxo para poucos e raramente vinha acompanhado de um acordo nupcial. Preferia usar seu tempo fazendo planos para o futuro e cuidando de seus investimentos.

Antes de dobrar uma esquina, a caminho de casa, percebeu que havia uma jovem debruçada sobre os joelhos logo adiante. Ela passaria despercebida se seu pranto não fosse tão alto. David crescera ouvindo o choro da mãe, espancada frequentemente pelo marido, aquele som lhe causava profundo tormento. Nunca pudera fazer nada para impedir, o marquês mantinha os filhos trancados durante a noite, certamente para evitar intromissões indesejadas. Sem perceber que havia interrompido a caminhada, instintivamente, David se pôs de joelhos; não seria capaz de ignorá-la, mesmo sabendo o quanto era arriscado ajudar um estranho àquela hora da noite.

A dama não estava malvestida, entretanto seus trajes não faziam jus às damas inglesas. Os cabelos ruivos, de um tom de cobre intenso, soltavam-se em cachos do coque baixo. A mulher tremia e se encolhia, embalada pelos próprios soluços. Ciente de que ela não

estava agasalhada adequadamente, David rapidamente retirou a casaca, aproximou-se, colocando o paletó sobre os ombros dela e se agachou.

Ela levantou os olhos assustada, o medo era visível, pavor e dor se misturavam num olhar angustiante. David se aproximou ainda mais, ela ergueu o rosto deixando que a iluminação a gás revelasse os olhos vermelhos, banhados pelas lágrimas. Eram tão verdes que ele teve a sensação de já tê-los visto antes. Por um longo instante, encarou-a em silêncio, incapaz de pronunciar uma só palavra. A jovem já não emitia qualquer som, parecia congelada, uma madona pintada a perfeição.

Ele teve a estranha sensação de já tê-la visto, havia algo familiar naqueles olhos aflitos. Tentou puxar da memória alguma lembrança e, ao fechar os olhos brevemente, uma única visão veio-lhe à mente. Paris! Um lampejo o fez lembrar-se da bela dama que, em alguns momentos, vagara por sua mente no último ano.

— Permita-me ajudá-la — suplicou David, incapaz de desviar a atenção das íris cor de jade; sentia-se hipnotizado pela expressividade daquele olhar.

— Estou bem, obrigada. — Ela se levantou desajeitada, segurando firme entre os dedos a única coisa que lhe restara.

David não soube o que fazer, deixou que ela se afastasse e permaneceu imóvel. Viu que na mão dela havia um colar, um relicário, supôs. Quando a bela jovem dobrou a esquina, um impulso primitivo e protetor o impeliu a segui-la. E novamente, quando a encontrou, viu que ela se recostava a uma árvore, cobrindo-se com a casaca dele.

Ficou claro que ela não tinha onde passar a noite, e aquele lugar não era o mais adequado para mulher alguma. Ele se aproximou novamente, dessa vez mais cauteloso. E percebeu que ela estava parada, com o olhar perdido, novamente coberto por lágrimas.

— Deixe-me ajudá-la — pediu estendendo-lhe a mão. — Posso estar enganado, mas lembro-me de você de Paris — e como um raio a lembrança do nome da jovem surgiu em sua mente. — Marie — saboreou a palavra enquanto ela o olhava aturdida.

Marie estremeceu, fora uma tola, uma ingênua ao pensar que Phillip se casaria com ela. Deveria ter considerado a possibilidade de ser reconhecida pelos cavalheiros de Londres. Tentou se levantar, mas sentia-se tonta, e suas pernas fraquejavam. Ela estava faminta, fraca e, antes que se estatelasse no chão, sentiu braços fortes a amparando.

— Por favor, não me entregue para madame Bourdon — implorou usando toda a força que lhe restava.

— Eu não a entregaria a ninguém — garantiu, ajudando-a a ficar de pé. — Confie em mim, posso ajudá-la.

Ela não se iludiria novamente, não poderia. Conhecia os homens e suas artimanhas, mas não tinha o que fazer; ou aceitava a ajuda daquele estranho que sabia seu nome, ou dormiria ao relento. Não tinha sequer alternativa, naquela noite já fora humilhada, assaltada e, se dormisse na rua, temia que Phillip mandasse alguém para matá-la ou até mesmo para entregá-la para a tia. Sem pensar muito, aceitou a ajuda, não tinha muito mais a perder.

David a levou para o lugar onde um dia funcionaria sua livraria. Seu avô, lorde Willian Granville, conde de Snowdon e um dos banqueiros mais importantes da Europa, havia lhe dado um imóvel comercial. Lá funcionara o atelier de uma modista, que, apesar de abandonado, ainda estava montado.

No fundo da loja, havia uma pequena casa; não estava limpa ou organizada, mas era melhor que passar a noite nas ruas. No dia seguinte, ele providenciaria melhores instalações para sua hóspede.

— Não é um lugar adequado, nem mesmo está habitável. Mas você poderá passar a noite segura. — Marie não parecia se importar. — Onde estão suas coisas?

— Fui roubada — falou com amargura. — Levaram minhas roupas e todo o dinheiro que eu tinha.

David ponderou avaliando a sala abandonada, pensando na melhor maneira de acomodar Marie.

— Imagino que esteja com fome. — Ao ver que ela não negara, continuou. — Vou procurar algo para você comer, não moro muito longe daqui. Também trarei mantas limpas e o que mais possa precisar.

— Não precisa, *monsieur* já está sendo generoso demais e nem sei o seu nome.

— Eu me chamo David. — Ofereceu um sorriso acolhedor. — Fique à vontade, garanto que não irei demorar.

Marie o viu sair. Era como um anjo, os cabelos loiros emoldurando o rosto perfeito, entretanto ela não podia deixar-se iludir. Estava naquela situação justamente por se cegar pelos encantos de um inglês sedutor. Phillip levava tudo que Marie tinha, sua virtude, suas esperanças, seu...

Quando partira para Londres, ela imaginava um desfecho diferente para aquele dia. Mas o visconde de Derby estava casado e, como se não bastasse tamanha desilusão, Marie

fora humilhada e roubada; tiraram-lhe o que tinha de mais precioso. Se ao menos tivesse dado crédito à madame Bourdon.

A alcoviteira lhe dissera, meses depois da noite que Marie passara com Phillip, que ele havia pagado uma pequena fortuna para desfrutar de seu corpo. Mas Marie não quisera acreditar, estava cega pela certeza de que o visconde a tiraria dali. Antes que pudesse ser obrigada a vender o corpo, fugiu do Palais des Plaisirs e, durante quase um ano, juntou cada centavo que recebia para ir atrás dele em Londres. Tinha esperança de ser agraciada com o mesmo destino da mãe, casar-se com um nobre inglês e recomeçar a vida esquecendo que era uma Bourdon. Como fora tola.

Naquele momento encontrava-se perdida, sem nenhum xelim, com a roupa do corpo e contando com a benevolência de um homem que sabia de onde ela vinha. Procurou por um lavatório, sabia que ele cobraria pela estada. Ninguém daria abrigo a uma desconhecida sem pedir algo em troca, isso ela já havia aprendido. Nem mesmo Heloise, que fora sua salvação, deixara de cobrar pelo tempo em que a acolhera, antes de Marie partir para Londres.

Tentando limpar o rosto com a barra do vestido, ela respirou fundo. Não podia se dar ao luxo de guiar-se por princípios morais naquele momento; ou dava o corpo em troca de um teto e comida, ou morreria na sarjeta antes mesmo de pensar num plano para pegar do visconde de Derby aquilo que ele lhe roubara.

Não demorou muito para que David voltasse. Ele trouxe torta de pombo, frutas e roupas de cama, tudo que encontrara na cozinha de Hervey House. Marie o observou retirar o pó da pequena mesa antes de depositar uma cesta.

Olhou para o belo exemplar de homem a sua frente e respirou fundo tomando coragem. Não seria difícil ceder o corpo a ele.

Quando David se virou para vê-la, Marie vestia somente as roupas de baixo, de renda, quase transparentes; nunca havia visto nada parecido. Atordoado com a visão dos cabelos soltos que emolduravam o rosto perfeito, virou-se rapidamente.

— Não trouxe nada que pudesse vestir, mas amanhã posso providenciar. — Caminhou sentindo o coração acelerado e, atordoado, esbarrou a mão em um jarro empoeirado que jazia num velho aparador. A porcelana de má qualidade se espatifou em mil pedaços e, no impulso por se manter ocupado, ele se abaixou depressa para recolher os cacos.

Marie se levantou rapidamente para ajudá-lo, todo o constrangimento que havia sentido quando ele chegara e a vira tão exposta, oferecendo-se como uma meretriz, esvaiu-

se. Ela não percebeu que, ao caminhar, parte de seu ombro ficara descoberto, revelando a pele alva.

David a olhou, era linda, uma visão perturbadora. Sentiu o corpo reagir quando ela se abaixou ao seu lado, e, num gesto mecânico, continuou recolhendo os cacos sem nem mesmo olhar para o que fazia.

— *Mon Dieu!* — Marie exclamou assustada, ao ver um pedaço de louça rasgar a mão de David. — Por favor, não movimente a mão — pediu cautelosa, segurando a mão ferida com toda delicadeza. — Levante-se, vamos nos sentar ali, que eu o ajudo, *monsieur*.

— Não foi nada. — Tentou ignorar a pontada que sentiu ao tentar movimentar a mão, os punhos da camisa já estavam sujos de sangue.

— Venha, deixe-me cuidar de você — ela pediu de maneira doce, com o ombro exposto e a vestimenta indecorosa.

Marie se esqueceu completamente de que estava seminua na frente do estranho. A preocupação estava estampada em seu rosto, ela não pensava em nada além de cuidar da ferida. David a acompanhou até o sofá, a jovem ainda apoiava a mão dele com delicadeza. Marie retirou o caco com precisão e, com uma habilidade assustadora, rasgou um pedaço da barra da camisola para envolver a mão ferida e estancar o sangue.

Ela perguntou onde podia encontrar um pouco de água limpa, e David informou, maravilhado com aquela mulher. Marie limpou o ferimento com carinho e, com todo cuidado, improvisou um curativo. Ele jamais vivenciara tamanho cuidado, nunca alguém havia lhe tocado com tanto carinho e se preocupado com ele da forma como ela fazia.

Ele era o segundo filho, nunca havia recebido atenção dos pais, a não ser nos assuntos relacionados ao irmão, Thomas, o herdeiro. Enquanto ela envolvia a mão dele no tecido, sua voz doce o acalmava, como se David tivesse perdido um dedo. Ele ficou ali, observando a mulher incrivelmente doce e sedutora a sua frente.

— Obrigado. — Não tirou a mão do colo de Marie quando ela terminou.

— *Monsieur* teve muita sorte, se os cacos tivessem atingido um dos tendões, poderia perder os movimentos. — Ela ajeitou os tecidos que envolviam a mão ferida com cuidado. — Amanhã trocamos o curativo, mas vamos precisar de algo mais apropriado.

David sentiu uma felicidade pueril ao saber que poderia receber aquele cuidado novamente, mesmo ciente de que não poderia abusar da boa vontade de sua hóspede.

Desviou os olhos, incomodado por não conseguir resistir à tentação de contemplar o ombro exposto da bela mulher.

— Não lhe trouxe roupas. — Condenou-se novamente por a estar observando deliberadamente.

Marie engoliu em seco, tinha se sentido tão à vontade ao lado dele que esquecera que havia se despido para servi-lo em pagamento a sua benevolência. Com a voz trêmula mas com o olhar determinado, anunciou:

— Estou pronta para pagar por sua generosidade.

David percebeu o receio em sua voz, deixou que os dedos livres deslizassem pela face alva, e ela não se esquivou do toque.

— Não estou cobrando nada, a única coisa que desejo é o seu bem-estar. — Fitou os olhos cor de jade. — Não que eu não a deseje, mas, se um dia a tocar, será porque me deseja, e não porque me deve. — Caminhou até a mesa e voltou com uma manta para cobri-la. — Ficar bem?

Atordoadada, Marie o fitou com o coração aos pulos e uma sensação que não conseguia compreender. Decepção? Alívio? Talvez ele não fosse o anjo negro que ela supunha, talvez um anjo salvador. Apesar de seu inconsciente gritar para que não criasse julgamentos ou expectativas, havia um sentimento estranho, que ela não conseguia controlar. Confiava nele e, de uma forma inexplicável, ele lhe trazia paz.

Naquela noite David não conseguiu dormir. Tentou se lembrar de quando fora tocado daquela maneira. Não havia lembranças, sua mãe não era uma mulher de aproximações, seu pai raramente lhe dava alguma atenção. Mesmo que o marquês lhe dissesse algo, os olhares eram para Thomas.

David não se ressentia com o irmão pela predileção. Sabia que aquela era uma relação doentia, como tudo na casa dos Hervey. Thomas sofrera todo tipo de agressão física e psicológica por parte do pai, e, estranhamente, inúmeras vezes David desejara receber pelo menos uma surra. Por pior que isso fosse, sabia que o pai se importava com ele de alguma maneira. Mas isso nunca acontecera.

Ele cresceu aprendendo a se virar sozinho. Tinha o avô, o conde de Snowdon, e o tio, o duque de Sutherland, como um exemplo. Se um dia tivesse a própria família, seria um pai como o duque. Mas nunca se vira digno da atenção e do carinho de ninguém, era isso o que sua mãe lhe dizia nas poucas vezes que lhe dirigia a palavra.

Aprendera a cuidar das pessoas a sua volta, quando via o irmão sofrendo em silêncio por tudo a que era submetido. Dera a ele e a todos a sua volta o que nunca tivera, e aquilo de certa forma alimentara sua existência. Até aquele dia.

Como um simples gesto podia trazer à tona algo que ele fazia questão de esquecer? David escondia no fundo da mente a falta que sentia de um abraço. Mantinha-se reservado, talvez para esconder de si mesmo os sentimentos que guardava. Mas Marie trouxera tudo à tona com um simples toque, um cuidado despretensioso, atencioso. Ela parecia não se dar conta da aura sedutora que emanava de seus movimentos, os ombros à mostra, o olhar compenetrado, que parecia ter abandonado a dor que mostrara naquela mesma noite. Naquele momento ele fora o centro das atenções.

A voz doce e melodiosa o acalmara como se ele fosse uma criança, a criança que brincava sozinha enquanto o irmão se preparava para ser o marquês de Bristol. David revirou-se na cama tentando desviar os pensamentos, mas era impossível não se lembrar do quanto esperara que o pai o obrigasse a seguir carreira militar, como era esperado para os segundos filhos. Mas George não se importava. Graças ao avô, lorde Granville, David fora orientado a não viver somente de renda e a ter uma ocupação.

Não seria um bom militar, David tinha certeza disso. Abrir uma livraria era o sonho que alimentara desde novo, quando se via entre os livros, trancado em uma biblioteca, sozinho; assim passara quase toda a vida. Embora qualquer nobre jamais admitisse que o filho se tornasse um comerciante, o marquês de Bristol nem sequer se interessara pelo futuro do filho caçula. Já lorde Granville, seu avô, ajudara-o, tudo o que David sabia devia a ele e ao tio, pois ambos foram como pais para ele. Entretanto o jovem nobre preferia não ocupar muito o avô, pois sabia que Thomas precisava dele, e que era para ele que sempre corria em busca de alívio. O tio, em contrapartida, tinha filhos demais com que se preocupar. David não seria um fardo para ninguém.

Quando os primeiros raios do alvorecer banharam o quarto, ele foi tomado por uma ansiedade inexplicável. Levantou-se, mesmo não tendo pregado o olho. Precisava providenciar roupas novas para Marie, um desjejum, uma cama confortável e tudo mais de

que ela pudesse precisar. Também levaria suprimentos para a troca do curativo, ele se aproveitaria de cada momento ao lado dela, do cuidado que ela lhe oferecesse. Não usaria o corpo da jovem, se contentaria com um simples toque e com o sorriso discreto que escondia os olhos tristes.

Como era de costume, passou pelo quarto do irmão e o encontrou debruçado nos estudos. Logo que Thomas percebeu sua presença, convidou-o a sentar-se e mostrou-lhe os escritos no velho livro da família.

— Os Hervey são todos déspotas. A crueldade com que tratam seus arrendatários vem de séculos atrás; nunca imaginei que pudesse dizer isso, mas George parece o mais razoável.

— Sem dúvidas a luta pela abolição da escravidão mundial contribui para isso. — David acompanhou o trecho que o irmão apontava e repousou a mão ferida sobre a mesa.

— O que houve? — Thomas perguntou curioso.

— Não foi nada... — David sentiu-se tentado a contar para o irmão e não se conteve.

— Conheci uma dama, ela estava na rua e a levei para a loja que lorde Granville me deu.

— Uma dama na rua?

— Uma francesa, veio do Palais des Plasirs.

— Uma cortesã... — Thomas coçou o queixo pensativo. — Como vai manter uma amante naquela loja caindo aos pedaços enquanto estiver em Cambridge?

— Ela não é uma amante. — Ele se levantou exasperado. — Vou encontrar um lugar para ela ficar, não posso deixá-la assim...

— David, não pode acolher essa mulher como se ela fosse um animal de rua. Pense no que está fazendo. Mulheres são traiçoeiras, não vê como a marquesa se comporta?

— Nem todas as mulheres são como nossa mãe. Sarah, por exemplo, nunca...

— Não me venha com esse assunto novamente! — esbravejou Thomas.

David ergueu as mãos em rendição, não prolongaria aquela conversa, sabia que aquele assunto despertava sentimentos obscuros no irmão. Teve vontade de confidenciar-lhe o quanto se sentira acolhido com o pequeno cuidado de Marie, mas não perderia seu tempo. Thomas decerto não entenderia, pois nunca se dera conta dos cuidados que o cercavam, apesar de tudo. Ele estava cego pelo rancor, pela amargura e não valorizava os pequenos prazeres.

Decidido a não mergulhar nas profundezas sombrias de sua família, David deixou os pensamentos vagarem para a visão esplendorosa de Marie; ela parecia um anjo, um

querubim no meio da própria treva. Seu toque macio, seus ombros tentadores, ele dificilmente esqueceria aquela noite. Farto da recriminação do irmão e ansioso para encontrar sua hóspede, saiu a passos largos; tinha muito o que fazer para garantir algum conforto para ela.

Desde que abrigara Marie em seu imóvel comercial, havia quase uma semana, David a visitava diariamente. Sua mão já estava quase curada, mas ele sempre encontrava uma oportunidade para que a jovem o examinasse. Ela era fascinante, e ele desconfiava de que já estivesse maravilhosamente acostumado com sua companhia.

Ela limpava e organizava a pequena casa nos fundos da loja, reformando os móveis com os tecidos que encontrara. Preparava os próprios alimentos na pequena cozinha, e David se encantava com suas habilidades culinárias.

O tempo que passavam juntos era extremamente agradável. David se sentia um patife cada vez que a via, desejando vê-la novamente somente com roupas de baixo.

Naquela tarde quando entrou no antigo atelier, surpreendeu-se com o que viu. Marie estava organizando tecidos, fitas e linhas. O lugar parecia a loja de uma modista renomada em pleno funcionamento. O balcão fora lustrado com perfeição, e ela exibia um sorriso encantador nos lábios.

— Que bom que chegou! — O sorriso dela era tão esplendoroso que para David foi impossível não sorrir também. — Tive um lampejo e creio que aprovará.

Avaliando os olhos verdes brilhantes, David constatou que nunca a vira daquela maneira, radiante, com um humor muito diferente da melancolia constante que marcava suas expressões mesmo nos momentos mais leves.

— Proponho que me conte lá dentro — sugeriu estendendo-lhe uma caixa. — Trouxe bolinhos. Por que não nos prepara um chá? Assim pode me contar sua ideia.

O chá de Marie não era lá essas coisas, o que era compreensível tratando-se de uma francesa, pensou ele com ironia. A estranha mistura de ervas deixava a bebida amarga, mas David não revelou isso, elogiou e bebeu concentrando-se para não fazer careta. Ela parecia ansiosa, batia os pés no assoalho, e ele postergou a conversa saboreando um bolinho. David a contemplou divertido, Marie era linda, e sua agitação a deixava ainda mais sedutora.

— Pois bem — ela se sentou de frente para ele —, você tem uma loja montada e muito bem-localizada, pelo que pude perceber. Eu preciso de trabalho, tenho que pagar pela minha estada e conseguir recursos. — Ela parou por um instante para avaliá-lo, David sorria enquanto lambia o creme que escorria pelos dedos esguios. — Não deixe cair na ferida, ainda pode infeccionar — recriminou-o e continuou a expor sua ideia, animada. — Em Paris eu costurava as roupas das dançarinas e das cortesãs, mas, depois que saí do Palais des Plaisirs, trabalhei com uma modista renomada. — Entrelaçou os dedos, mas ele percebeu que ela tremelicava as pernas num ato de nervosismo. — Posso abrir a loja para você. Eu recebo um pequeno salário, assim posso pagar pela minha hospedagem, e você pode lucrar um bom dinheiro.

David sentiu o coração afundar. Seria uma ideia maravilhosa, e ela realmente parecia empolgada. Lamentou negar-lhe um pedido feito de forma tão espontânea. Levantou-se e sentou-se ao lado dela, a uma distância que não poderia ser considerada respeitável. Tocou as mãos dela, que se entrelaçavam em um movimento repetitivo, temendo decepcioná-la.

— Sinto muito, Marie. A loja entrará em reforma em breve, há anos tenho planejado abrir uma livraria. — Ele percebeu que o olhar radiante de segundos atrás havia desaparecido. — Em breve preciso voltar para Cambridge, e você não poderá ficar aqui. Mas não quero que se preocupe, eu a deixarei em segurança. Conseguirei um trabalho para você. Só preciso que me diga o que houve, para que eu possa ajudá-la.

Marie respirou fundo, sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele a confrontaria. Havia abusado da confiança daquele homem que a acolhera sem perguntar o que havia acontecido. Respirou fundo, já havia ensaiado mil vezes as meias-verdades que contaria. E, mesmo sabendo que não poderia lhe dizer tudo, seria justo que lhe contasse parte de sua história.

— Sou neta da famosa madame Bourdon; não da que cuida do Palais des Plaisirs hoje, mas da que fundou a *maison close*. Eu não a conheci. — Deu de ombros e continuou. — Pelo que sei, minha mãe nunca se prostituiu, ela encontrou um conde inglês e se apaixonou. Acabou engravidando e, quando nasci, deixou-me com minha tia, para ir atrás do meu pai. Sei muito pouco da história, a única coisa que sei é que ela partiu me deixando para trás. — Respirou fundo tentando conter as lágrimas. — Eu nunca quis vender o corpo e nunca o fiz, não conscientemente. Trabalhava costurando, limpando, servindo, mas nunca me deitei com ninguém... — Uma lágrima escorreu involuntariamente. — Até o dia em que fui enganada por um inglês que me pediu em casamento, eu tola acreditei. Ele disse que voltaria para me

buscar, mas demorou, e não pude esperar. Assim que encontrei uma maneira, fugi. Trabalhei dia e noite para conseguir dinheiro para vir para Londres. — Ela sentiu as mãos de David sobre as dela. — Vim atrás dele, e foi quando descobri que ele se casara com outra. A mulher dele pareceu se comover comigo e me jogou uma bolsa com muitas moedas, logo depois que deixei a casa; era tão pesada. Mas não tive tempo de contar, eu nem aceitaria o dinheiro — ela respirou fundo —, fui roubada por um menino. Um homem tentou alcançá-lo, mas não sei se conseguiu pegá-lo, pois não voltou para me devolver. — Enquanto Marie relatava os acontecimentos, David percebeu que ela parecia reviver o ocorrido. — Fiquei apavorada, levaram tudo que eu tinha, inclusive minhas roupas. — Ela apertava o relicário que ornava seu pescoço, como se agarrasse a única coisa que lhe restava. — Logo depois você me encontrou.

David fechou as mãos em punho, tentando controlar a raiva que sentia. Teve vontade de desfigurar o rosto do demônio que a iludira, de estrangular o covarde que a saqueara. Sem se importar com o que era apropriado, ele a puxou entre os braços e acariciou os cabelos ruivos que se soltavam em cachos.

Marie nunca havia sido abraçada antes, não daquela maneira. A única experiência que tivera com um corpo masculino fora na noite em que se deitara com Phillip, que só cobrira seu corpo com o dele em busca de prazer.

Sentindo-se estranhamente protegida, fechou os olhos desfrutando do carinho doce e terno. Sua consciência gritava para que ela não se iludisse, mas a sensação de ser amparada era tão sublime que Marie se entregou. Não estava se iludindo, mas somente desfrutando de um pouco de acolhimento. Sabia que David partiria e, embora ele promettesse ajudá-la, era possível que nunca mais o visse.

— Meu tio, o duque de Sutherland tem uma casa em Shropshire. Ele tem duas filhas, e você certamente encontrará trabalho lá. Ele não negará um pedido meu. Partiremos no final da semana.

Por mais que Marie não quisesse ficar longe de Londres, não tinha como negar a oferta. David era o único que poderia ajudá-la. *Quem sabe, trabalhando na casa do tio de David, pudesse vê-lo novamente.*

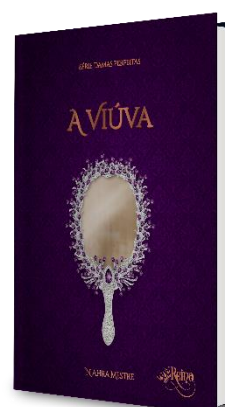
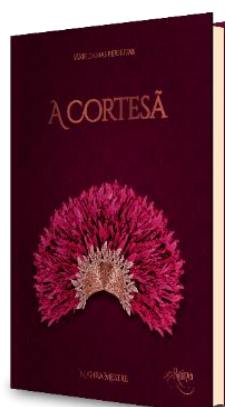
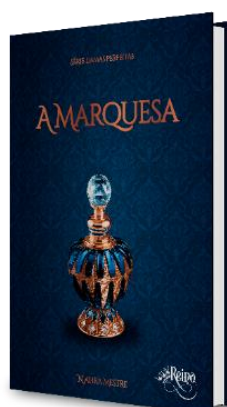
DISPONÍVEL NO



<https://amzn.to/2Orvs7U>

QUE TAL COLOCAR A SÉRIE DAMAS PERFEITAS NA
SUA ESTANTE?

editoraportal.com.br



NAHRA MESTRE

www.nahramestre.com

Siga Nahra Mestre nas Redes Sociais



www.facebook.com/nahramestreautora



www.instagram.com/nahramestre/